

ACELERAÇÃO CONTEMPORÂNEA, INFORMAÇÃO E DISPUTAS TERRITORIAIS NO BRASIL ATUAL:

Conjuntura, limitações e possibilidades.

Adriana Bernardes da Silva (Universidade Estadual de Campinas)

Mónica Arroyo (Universidade de São Paulo)

RESUMO GERAL

A proposta desta sessão livre é refletir sobre o Brasil atual considerando a informação como elemento central da dinâmica territorial e das disputas travadas e anunciadas na conjuntura. Os momentos muito críticos como este que agora vivemos no Brasil nos dão vertigem. São momentos de intensa aceleração da história advinda da mudança brusca de rumo que ameaça, muito particularmente, desmanchar a já tênue soberania popular. Conforma-se uma conjuntura crítica, em que o campo social é tencionado diante das disputas pelo controle do território. O que acontece aqui está sendo gestado há um tempo. Milton Santos dizia que este período técnico-científico-informacional é uma crise. Um período que é uma crise. O capitalismo é produtor de crises, sempre foi. Todavia, neste período a crise é sistêmica, estrutural, planetária, pois regida pela financeirização, pela especulação financeira, pelo rentismo, pela concentração e centralização econômica. Configura-se uma crise que é ambiental, urbana, política, de valores. E a crise atual é muito mais aguda para os territórios periféricos onde vive a maior parte da população. Onde o passado colonial e a acelerada modernização capitalista andam de braços dados produzindo racismo, escassez, desigualdade, exclusão. No epicentro desta crise está a violência do dinheiro e da informação. A mercantilização da informação, sua manipulação e controle, a forma como se propaga ou não, coloca em risco a soberania e esgarça o tecido social. A informação torna-se então o novo polo de acumulação. Há novas redes de influência e poder. Novos mecanismos, novas práticas de poder necessitam ser analisados e debatidos. Nesta contemporaneidade se incrustou no território brasileiro um rendilhado formado pelas respectivas topologias da indústria da informação, enquanto o território vai sendo ajustado para atender ao capital financeiro e informacional. São topologias, redes, mercadorias, empresas, profissões, pouco estudadas, insuficientemente compreendidas. São faces da relação conflituosa entre a difusão do meio técnico-científico-informacional e a sociedade. Neste mundo sendo aceleradamente privatizado (água, saúde, educação, cultura e lazer, segurança), movimenta-se diuturnamente a fábrica publicitária da fé cega numa revolução das esperanças crescentes assentada na celebração do individualismo. E se espalha a ideologia do homem

empreendedor, que ascende socialmente por mérito, no mercado livre. Esta é a globalização como fato e como fábula, é a superposição da dinâmica globalizadora e do globalitarismo de mercado assentado nas ideologias da conectividade: mundo sem fronteiras, aldeia global, com Estado mínimo, mundo pós-tudo, regido pela temporalidade do imediato, do curto prazo. São fábulas de um pensamento que se quer único. Tratar-se-ia de um período que é uma crise impulsionada e também determinada por um uso corporativo do território apoiado na ampla e seletiva circulação de informações. A compreensão da dinâmica espacial requer a investigação das condições críticas de difusão do meio técnico-científico-informacional, do uso corporativo do território e o conseqüente aprofundamento da pobreza. As grandes cidades brasileiras condensam o contexto desta crise, fragmentadas entre pontos luminosos das redes globais e imensos espaços opacos de difícil apreensão, nos quais se trava a luta cotidiana pela reprodução, sobrevivência e resistência. O tempo hegemônico choca-se com as centralidades populares que se configuram nesse processo. Uma onda acelerada, agindo no tempo da simultaneidade e capilarizada no território por redes digitais, muitas vezes replicantes de fake news, legitima os interesses daqueles que precisam implodir finalmente o que restou do campo democrático. Constrói-se um discurso contra as terras quilombolas e indígenas e a preservação da floresta, contra a renda básica que garante dignidade, contra a democratização do acesso às universidades, contra as pautas dos movimentos sociais que lutam por terra e moradia, contra todos os ativismos que enfrentam a histórica desigualdade de gênero, classe e raça, contra todos os ativismos que lutam por direitos numa sociedade brutalmente desigual e segregada e que vive em territórios fraturados e opacos. São significativos os recursos do povo implicados nesta disputa: do Pré-Sal aos minérios às terras agricultáveis, bancos públicos, saúde pública e etc. Vai se instaurando novamente a exceção como norma. Ameaçam-nos com a retirada das condições mínimas, razoáveis, objetivas e subjetivas, para se olhar o futuro, para se projetar um futuro. Neste contexto, propomos discutir a relação informação território sob diferentes prismas. Os temas a serem abordados nesta Sessão Livre serão: “Círculos de informações e acirramento dos conflitos no território brasileiro” (Adriana Bernardes da Silva); “Informação e finanças na dinâmica territorial, elementos chave para discutir a conjuntura brasileira” (Mónica Arroyo); “Do algoritmo ao território: as tensões advindas da chegada das corporações de transporte por aplicativo ao Brasil” (Fábio Tozi); “O novo e o velho na organização da mídia no território brasileiro: disputas e repercussões à conjuntura atual” (André Pasti) e “Urbanização e desigualdade socioterritorial: a cena recife e a informação do maleável e do diverso” (Cristiano Nunes Alves).

CÍRCULOS DE INFORMAÇÕES E ACIRRAMENTO DOS CONFLITOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Adriana Bernardes da Silva (Universidade Estadual de Campinas)

Energia da aceleração contemporânea, a informação tornou-se, conforme Milton Santos, motor da nova divisão social e territorial do trabalho. Impõe-se como uma mercadoria estratégica, utilizada seletiva e hierarquicamente. Grandes empresas globais controlam hoje a produção e a difusão das informações, sendo detentoras de valiosos bancos de dados e tendo

acesso privilegiado ao Estado. É o caso das agências de publicidade, das agências de pesquisa de mercado e opinião, das empresas de consultoria, das agências de rating, entre outras. São empresas que conformam verdadeiros *círculos descendentes*, onde prevalecem informações organizacionais voltadas à gestão das grandes empresas (ao pensamento estratégico), ao aperfeiçoamento do consumo, à delimitação de regiões para os macros investimentos, ao avanço do privado sobre o público. Dão suporte, portanto, às ações hegemônicas que aprofundam a desigualdade urbano-regional. Todavia, importa reconhecer que há também uma pluralidade de atores que dão forma aos *círculos ascendentes*, onde prevalecem informações voltadas à sobrevivência, à criação e à resistência, voltados potencialmente à construção de projetos arraigados ao lugar, à cidadania e à soberania (campo potencial à pesquisa e à ação emancipatória). Esses *círculos descendentes e ascendentes* tensionam os territórios nacionais acirrando as disputas e os conflitos na atual conjuntura.

INFORMAÇÃO E FINANÇAS NA DINAMICA TERRITORIAL, ELEMENOS CHAVE PARA DISCUTIR A CONJUNTURA BRASILEIRA

Mónica Arroyo (Universidade de São Paulo)

Na atual conjuntura histórica, a violência do dinheiro e a violência da informação se apresentam de forma crescentemente articuladas, embora nem sempre percebidas. Segundo Milton Santos elas se constituem como base da globalização, em seu caráter perverso, e como alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo. Buscamos discutir esta questão à luz da dinâmica com que essas duas violências aparecem no Brasil contemporâneo, acompanhando o ritmo do mundo e com as especificidades da formação socioespacial. Propomos fazê-lo a partir de duas tendências concomitantes: a informatização e a financeirização do território, ambas fundamentadas na existência de uma tecnosfera e de uma psicofera que se ajusta com ritmo acelerado. Diversos processos se intensificam: expansão da Internet, utilização de redes digitais e de aplicativos, circulação e armazenamento de dados; outros movimentos também permeiam a conjuntura como o uso crescente do cartão nas transações cotidianas junto ao aumento dos paraísos fiscais associados à evasão tributária e de mecanismos utilizados para lavagem de dinheiro. Em tempos de aceleração contemporânea e de celebração do individualismo, nos perguntamos sobre como construir um outro tipo de racionalidade, de subjetividade.

DO ALGORITMO AO TERRITÓRIO: AS TENSÕES ADVINDAS DA CHEGADA DAS CORPORAÇÕES DE TRANSPORTE POR APLICATIVO AO BRASIL

Fábio Tozi (Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais)

Objetiva-se debater como a informação tornou-se um fator produtivo para as corporações globais que lideram a chamada transição digital, tendo nos algoritmos e plataformas suas representações mais características. As plataformas, entretanto, não são abstrações, pois é no território que elas assumem sua função concreta, permitindo uma ação instantânea eficaz e acelerando a reprodução do capital. Nessa direção, busca-se discutir como os aplicativos de transporte privado de passageiros no Brasil (Uber, Cabify e 99) modificam não apenas as formas de deslocamento, mas os próprios sentidos da urbanização. Uma periodização da estratégia territorial dessas corporações revela a sua chegada ao país a partir das grandes cidades, alcançando as cidades intermediárias em um segundo momento e estando presentes, hoje, também nas pequenas cidades. Todavia, a regionalização do território que subsidia as práticas monopolísticas e oligopolísticas dessas empresas entra em disputa com os limites político-administrativos municipais. Logo, multiplicam-se os conflitos com as prefeituras, que não podem mais organizar o transporte e o trânsito, como prevê a autonomia dos entes federativos. Finalmente, busca-se apresentar exemplos de usos lugarizados dessas tecnologias da informação por cooperativas e prefeituras, revelando que as suas possibilidades de existência não se resumem aos seus usos hegemônicos atuais.

O NOVO E O VELHO NA ORGANIZAÇÃO DA MÍDIA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: DISPUTAS E REPERCUSSÕES À CONJUNTURA ATUAL

André Pasti (Colégio Técnico de Campinas/Unicamp)

Pretende-se analisar dinâmicas atuais da organização do sistema midiático no território brasileiro a partir de apontamentos da pesquisa Monitoramento da Propriedade da Mídia (2017). São discutidas disputas entre agentes midiáticos e repercussões para a atual conjuntura. A organização do sistema midiático no território brasileiro é historicamente marcada por uma grande centralização do comando, concentração de propriedade e também por uma acentuada concentração geográfica dos centros de produção de informações. A difusão do sistema técnico ligado à fluidez global da informação criou condições que foram majoritariamente apropriadas por grandes empresas na reafirmação da tendência de concentração – seja na atualização das práticas dos principais conglomerados ou no surgimento de outros agentes com grande poder midiático. A tensão entre novo e velho na organização da mídia acompanha diversas disputas entre agentes regionais, nacionais e globais pela expansão de suas redes e pelo controle da produção e circulação de sentidos no território brasileiro. Para compreender essas tensões e suas repercussões à conjuntura, são abordados casos como a expansão das mídias ligadas a grupos religiosos conservadores, o surgimento de agentes com conexões nacionais e globais com o mercado financeiro e os vínculos de agentes midiáticos de grande alcance territorial com o sistema político.

URBANIZAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIOTERRITORIAL: A CENA RECIFE E A INFORMAÇÃO DO MALEÁVEL E DO DIVERSO

Cristiano Nunes Alves (Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Maranhão)

Com uma história baseada na desigualdade socioterritorial e na diversidade cultural, o Recife, abriga, desde meados dos anos 1980, vigorosas espessuras de fixos e fluxos geográficos compondo uma movimentação musical dinamizada, sobretudo, pelos seus sujeitos periféricos. Baseando-se no levantamento bibliográfico e documental, e na reunião de informações primárias a partir de visitas técnicas e entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos envolvidos com a temática, operacionaliza-se a noção de *Cena*. Analisa-se, assim, o modo como essa movimentação, mais amparada em ações do que em objetos, se aprofunda no mundo vivido da metrópole, um tecido espacial rico em comunicação, a informação do diverso e do maleável: lugarizada e baseada mais em trocas do que em imposições. Observa-se que, para além da esfera econômica e político-partidária, se movimentam tais espessuras comunicacionais ligadas às artes nos lugares, manifestas em rádios livres, informativos, coletivos artísticos, produção artística em si, entre outros elementos. Trata-se, sim, de uma ação política, mas a partir da experimentação estética imersa na dimensão da vida cotidiana. Destaca-se os modos de ação comunicacional dos sujeitos na metrópole do terceiro mundo, marcados pelo imprevisto e pela criatividade, imposições de um ambiente construído pautado na precariedade e na luta entre distintas classes sociais.